

## REPÚBLICA OU MONARQUIA?<sup>1</sup>

A Constituição impõe que em 1993 o eleitorado defina o *sistema de governo* (parlamentarismo ou presidencialismo) e a *forma de governo* (república ou monarquia).

O parlamentarismo permite soluções menos traumáticas para crises de governo e limita os excessivos poderes do presidente da República (p.ex., o inconstitucional bloqueio das poupanças e cruzados novos).

Quanto à escolha entre república e monarquia, os Constituintes, sem legitimidade, não exprimiram anseio nacional algum: não havia preocupação popular com a restauração da monarquia.

A monarquia pode respeitar valores democráticos, como a liberdade e a possibilidade de o povo tomar decisões concretas em matéria de soberania, mas suprime a igualdade de condições e oportunidades, ao conferir, *pelo nascimento*, a graça ou o fardo de ser *príncipe* ou *plebeu*.

Ora, as pessoas nascem iguais em direitos e possibilidades: merece combate o regime que negue isso. Apesar de seus muitos problemas, pelos quais somos todos responsáveis, nosso país permite que qualquer um seja presidente da República, como ocorreu um dia com um filho de meus avós, modestos imigrantes. Com valor e trabalho, há igualdade de oportunidades, participação, sufrágio e elegibilidade para qualquer cargo, magistratura ou função.

Vivemos numa sociedade sem classes de sangue. Trocaremos isto por reis e contos da carochinha? A monarquia acabará com miséria, inflação, dívida externa e interna, incompetência, corrupção, espírito de *levar vantagem* dos governantes, políticos e do povo em geral?!

Recuso-me a crer que alguns privilegiados devam nascer com uma coroa na cabeça. Mais que superioridade econômica e social (que se conquista e se perde), querem eles fidelidade e devoção dos servos. A seu lado, há uns poucos *nobres*, de *sangue azul*, com uma linda estrela na cabeça (adquirida por nascimento, ou por agradar o rei...). Abaixo, estamos nós, o *povão*, a massa

---

1. Artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, ed. de 10-04-1993, p. A2, disponível em [www.mazzilli.com.br/pages/artigos/repxmonarq.pdf](http://www.mazzilli.com.br/pages/artigos/repxmonarq.pdf).

trabalhadora de cidadãos comuns, nascidos para servir e invejar a nobreza, lendo e vendo o que ela faz, pelos jornais e televisão.

Não daremos valor à República conquistada sem luta? Para consolidar uma grande democracia seria preciso viver o processo revolucionário da França, que verteu sangue azul e vermelho? Ou uma guerra de secessão, como os Estados Unidos, para das cinzas criar um modelo democrático igualitário?

E quem seria o “rei” do Brasil? Nem você nem eu. Até há duas casas descendentes de Pedro II, com seguidores em busca de sangue azul... Que tal amanhã o grupo perdedor verter sangue vermelho — o nosso, evidentemente — para trocar o inquilino do trono?... Ou outro grupo pegar armas para investir rei a um candidato tupiniquim?! Ou sob revolução reimplantar-se a República?! Afinal, nem sempre se depõe um rei ou sua dinastia com a facilidade democrática de um *impeachment*.

Não convencem os exemplos europeus de realeza. Reis que reinam mas não governam; moram em palácios mantidos com dinheiro do povo; desfrutam de conquistas dos ancestrais; vivem de impostos dos eternos súditos, mas só os pagam se quiserem... Se o papel do rei é trazer turismo, o *rei momo* é mais democrático. Melhores os reis do baralho, sujeitos à sorte, pois os reis de sangue, como cartas marcadas, são ungidos antes de nascer...

Não é consolo ou justificativa que a *plebe* possa divertir-se com escândalos, *fofocas*, desgraças, ditos espirituosos ou infelizes das cabeças estreladas...

Nem convence a pilhéria de que *o rei não rouba*. Cornélio Pires contava do caipira monarquista: o imperador é como um porco gordo, que cansou de comer e rejeita uma espiguinha de milho, enquanto o presidente da República é porco magro, que, quando está começando a engordar, é solto e em seu lugar é posto outro porco magro: “*não há milho que chegue...*”

Ora, o defeito da corrupção é do homem, não de ter nascido rei ou plebeu. E, corrupto ou não, a rei algum bastaria uma espiguinha de milho...

O que precisamos é consolidar uma república democrática, fundada na educação e na responsabilidade.

---

**Hugo Nigro Mazzilli**, jurista, é procurador de Justiça do Estado de São Paulo